

# ALEXANDRE DE GUSMÃO: BREVES CONSIDERAÇÕES DE UM PROJETO NO RECÔNCAVO BAIANO NO SÉCULO XVII

---

Fábio Falcão Oliveira<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo tem como finalidade mostrar a importância de Alexandre de Gusmão em abrir um projeto pedagógico nas terras do recôncavo baiano. Este projeto, o Seminário de Belém tinha por finalidade agenciar a colônia portuguesa e sua perspectiva de colonização. Num primeiro momento, Alexandre de Gusmão abre o Seminário para educar os filhos dos portugueses sem saber que mais tarde, possibilitaria a entrada de moços mestiços e escreveria uma página na história da educação colonial. De qualquer forma, este projeto pedagógico é o primeiro seminário do Brasil e possibilitaria disparidades dignas de ser entendida.

**Palavras chave:** Seminário. Belém da Cachoeira. Alexandre de Gusmão.

## Introdução

Quando pensamos em educação colonial é impossível discursarmos sem compreendermos as possibilidades que os jesuítas apresentaram. Pautados em três documentos distintos, os *Exercícios Espirituais*, *Ratio Studiorum* e as *Normas Complementares* a mística de Inácio de Loyola ganha parâmetros para construir uma investida educacional<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Aluno de doutoramento na Universidade Federal de São Carlos-SP/UfsCar. O presente autor participa da linha de pesquisa no campo de História, Sociologia e Filosofia da Educação.

<sup>2</sup> Estes documentos são descritos por Serafim Leite (1938) como bases para o estabelecimento da Companhia de Jesus e exprimem toda catequese inaciana. LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo I. Lisboa: Portugália/ Civilização Brasileira, 1938. Devemos lembrar que todas as bibliografias que não tiverem paginação é uma paráfrase do autor citado conforme recomenda ABNT. Quando houver necessidade de paginação mesmo na paráfrase indicaremos nas citações.

Não foram os beneditinos, dominicanos, cartuchos, carmelitas ou qualquer outra ordem que possibilitou a construção de uma rede educacional na colônia brasileira, foram os jesuítas que fizeram isso<sup>3</sup>.

Nóbrega aporta no ano de 1549 nas terras brasileiras e inicia uma investida educacional que tinha um modelo pedagógico bem definido; este modelo apresenta a influência inaciana, ou melhor, militarista – é um projeto educacional que tinha como finalidade estabelecer uma pedagogia por via da catequese.

Apresentar as letras, ensinar a cultura portuguesa e adequar possibilidades de uma catequese que salvasse os gentios da terra brasileira, que reconvertisse os portugueses perdidos no pecado, aproximando os homens da Coroa Portuguesa.

Todo esse movimento é um esteio para possibilitar as explorações das terras brasileiras. Em nome de Deus, em nome do Papa, em nome do Rei, etc... São as ordens religiosas e muito mais os jesuítas que por via da catequese e pedagogia estabelece caminhos para colonização.

O que está em jogo é a permanência hegemônica dos jesuítas nas terras brasileiras e para isso, era necessário apresentar as letras. Nóbrega<sup>4</sup>, Vieira<sup>5</sup> e Gusmão são exemplos de jesuítas que estabeleceram e sustentaram uma forma de hegemonia.

A hegemonia dava-se no campo da política, da religiosidade e da educação. Neste último quesito, os jesuítas saíam ganhando e conseguiram estabelecer uma

---

<sup>3</sup> Se lermos ALDEN, Dauril. *The Making of an Enterprise. The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond/1540 – 1750*. California: Stanford University Press, 1996; ABREU, Cipriano de. *Capítulos de História Colonial (1500 – 1800)*. Rio de Janeiro: Brúgnet, 1969; CALMON, Pedro. *História do Brasil*, vol. I. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1959 e LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo I. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1938 em suas pesquisas apresentam a Companhia de Jesus como principal esteio educativo – desenvolvendo e estruturando o Brasil colonial numa rede educacional; foi sua aproximação com a Coroa Portuguesa que favoreceu os mesmos na colônia brasileira e proporcionou esta oportunidade.

<sup>4</sup>Manuel da Nóbrega foi Jesuíta que chefiou a primeira delegação dos padres jesuítas nas terras brasileiras. Suas cartas enviadas aos seus superiores são documentos que revelam as práticas dos jesuítas nestas terras no século XVI – elas são tidas como documentos fiéis e importantes para entendermos o contexto colonial no Brasil.

<sup>5</sup> Padre António Vieira jesuíta e um dos mais celebres da Companhia de Jesus. No século XVII era um personagem poderoso na retórica e na poética. Foi missionário garrido e defendeu os direitos dos indígenas diante dos curraleiros de São Paulo. Conhecido pela controvérsia com Alexandre de Gusmão, Vieira desenvolveu o partido dos vieiristas que se opunha a hegemonia dos estrangeiros enquanto Gusmão os favorecia. Além disso, defendeu o povo indígena tanto no sul como no nordeste do país. LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo VII. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1949.

rede educativa que corria por todo território nacional; do Maranhão até o Rio Grande do Sul são os jesuítas que dominavam de forma hegemônica.

A cidade de Cachoeira na Bahia entrou no quadro dos colégios e instituições jesuítas. É naquela pequena cidade que surge um projeto inovador, um Seminário fundado por Alexandre de Gusmão. Finalmente conseguimos perceber que o recôncavo em o alvitre de um projeto bem posto e a pequena Belém da Cachoeira em Cachoeira na Bahia nos convida para olharmos para ela e respeitá-la com merecimento.

Entendo que este pequeno distrito de Cachoeira nos convida para compreendermos as probabilidades educativas que surgiram nas terras brasileiras; e Alexandre de Gusmão escolhe aquela pequena localidade para criar um grandioso projeto.

### **Alexandre de Gusmão: projeto e catequese**

Sobre a vida de Alexandre de Gusmão, Leite aponta este homem como nascido no dia 14 de agosto de 1629 em Lisboa. Chegou ao Brasil no dia 14 de maio do ano de 1644; matriculando-se imediatamente no colégio da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro e no dia 27 de outubro de 1646 entrou na Ordem<sup>6</sup>.

Na obra *Compendiaria Narratio Vitae et Virtutum P. Alexandri Gusmani*, Freitas lembra que Alexandre de Gusmão teve um infância pura, com estado pio sempre desempenhado amor e graça, mesmo na adolescência, quando uma jovem investe contra ele, manteve-se firme e apartou-se dela. No ano de 27 de outubro de 1646, o jovem português ingressou com dezessete anos na Companhia. No exame, mostrou segurança e qualidades intelectuais<sup>7</sup>.

O jesuíta Borges (1734) destaca que seu empenho era notório. No curso de Artes, no dia 5 de Agosto de 1651 inicia-se a leitura das lições de filosofia<sup>8</sup>. Chegando a

---

<sup>6</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo VIII. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, p. 289.

<sup>7</sup> FREITAS, César Augusto Martins Miranda de. Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social/Tese de Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto, 2011, p. 23.

<sup>8</sup> BORGES, Martinho. "Prólogo aos que lerem". In: GUSMÃO, Alexandre de. *Árvore da Vida, Jesus Crucificado. Dedicada à Santíssima Virgem Maria N. S.Ra. Dolorosa Ao Pé Da Cruz. Pelo Padre Alexandre de Gusmão, da Companhia De Jesus. [Obra Posthuma Dada À Estampa Pelo P. Martinho Borges, da Mesma Companhia, Procurador Geral Da Província Do Brasil]*. Lisboa: Officina de Bernardo Da Costa Carvalho, 1734.

Bahia no dia 4 de fevereiro de 1656 inicia-se uma leitura teológica no campo da moral e no campo especulativo, eram estudos reservados para o sacerdócio<sup>9</sup>.

Na Bahia, cursando o segundo ano da faculdade, isso em 1657, confirma seu ingresso na Companhia mostrando que nunca hesitou em ingressar na Ordem. Estudou Filosofia e Teologia a maneira do *Ratio Studiorum*. Segundo Leite “concluindo os estudos ficou Ministro do mesmo Colégio (1659 – 1660)”<sup>10</sup>. Machado escreve que ele aprendeu “com grande credito da sua aplicação as *sciencias* escolásticas, e tendo ensinado humanidades no Collegio do Rio de Janeiro, onde foy Prefeito dos Estudos”<sup>11</sup>.

Segundo Leite concluindo o terceiro ano em Teologia, no dia 18 e 22 de novembro foi recebido na Ordem Sacra - sacerdócio admitido no dia 2 de dezembro de 1658<sup>12</sup>. Em 1659 Alexandre de Gusmão estava na Bahia, centro da colônia naquele momento, exerceu no colégio da cidade diversas funções, desde ensinar Retórica como auxiliar do mestre de noviços, como auxiliar na limpeza ou cozinha (proposta de humildade estabelecida pelas *Normas Complementares*)<sup>13</sup>.

Em 1662 torna-se mestre de Humanidades no Rio de Janeiro. Em 1663 no dia 7 de março Alexandre de Gusmão é promovido pelos Superiores da Ordem aos mais elevados lugares do governo, sendo vice-Reitor no colégio São Miguel em Santos e mais tarde Reitor ficando na função até 1665<sup>14</sup>.

Em 1665 fez a procissão solene no dia 2 de fevereiro, recebida pelo Reitor Francisco de Avelar no colégio fluminense, local que realizou quatro votos, recebeu

---

<sup>9</sup> FREITAS, César Augusto Martins Miranda de. Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social/Tese de Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto, 2011, p. 26.

<sup>10</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo VII. Lisboa: Portugal/Civilização Brasileira, 1949, p. 67.

<sup>11</sup> MACHADO, Diogo Barbosa. Bibliotheca Lusitana – História, Crítica e Cronologia, Tomo I. Na qual se compreende a notícia dos autores portuguezes, e das obras, que compuseram desde os tempos da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente. Offerecida à Augusta Magestade. Nosso Senhor, Tomo I. Lisboa: Oficina de António Isidoro da Fonseca (1741 – 1759), 1741, p. 95.

<sup>12</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo VII. Lisboa: Portugal/Civilização Brasileira, 1949.

<sup>13</sup> CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS/Normas complementares. São Paulo: Loyola, 2004. É nas *Normas Complementares* que Inácio de Loyola enfatiza de forma constante a prática da humildade; perceber este ministério e preparar-se para o projeto catequético que se baseia no servir ao próximo.

<sup>14</sup> FREITAS, César Augusto Martins Miranda de. Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social/Tese de Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto, 2011, p. 27.

também o título de prefeito de estudos e examinador do Curso de p. Eusébio de Matos<sup>15</sup>.

Em 1666 no dia 15 de abril Alexandre de Gusmão voltar para Santos, em São Paulo, e é nomeado Reitor do colégio, sendo sustentado no cargo até o dia 5 de junho de 1667. Retornou à Bahia em 26 de junho de 1670. Em 1672 no dia 22 de junho dedica-se ao ministério dos noviços. No ano de 1676 em 13 de novembro foi nomeado secretário do Provincial José de Seixas que ocupava o cargo desde 1675 e ficou até 1681- Alexandre de Gusmão ficou no cargo de secretário do Provincial até 15 de agosto de 1679. Em 5 de agosto de 1681 foi chamado novamente para exercer o cargo de Reitor do colégio da Bahia<sup>16</sup>.

Alexandre de Gusmão termina no ano de 1678 a *Escola de Bethlem, Jesus Nascido no Prezepio*<sup>17</sup>, Impressa com rosto e um frontispício gravado<sup>18</sup>. No ano de 1682 publicaria em Évora, na Oficina da Universidade a obra *Historia do Predestinado Peregrino, e Seu Irmam Precito* "romance alegórico-moral"<sup>19</sup>, este livro foi traduzido em castelhano e conhecido em Barcelona em 1696<sup>20</sup>.

Ainda escreveu no ano de 1682 a *Meditationes digestae per annum*. Publicado em Lisboa, oficina de Miguel Deslandes no ano de 1695 e *O Menino Christão*. Este livreto acabado no ano indicado será o primeiro Tomo (local da primeira publicação

---

<sup>15</sup> Ibidem, 2011.

<sup>16</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo VII. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1949; FREITAS, César Augusto Martins Miranda de. Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social/Tese de Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto, 2011; BORGES, Martinho. "Prólogo aos que lerem". In: GUSMÃO, Alexandre de. *Árvore da Vida, Jesus Crucificado. Dedicada à Santíssima Virgem Maria N. S.Ra. Dolorosa Ao Pé Da Cruz. Pelo Padre Alexandre de Gusmão, da Companhia De Jesus. [Obra Posthuma Dada À Estampa Pelo P. Martinho Borges, da Mesma Companhia, Procurador Geral Da Província Do Brasil]*. Lisboa: Officina de Bernardo Da Costa Carvalho, 1734. Todas estas obras citadas facilmente encontramos parâmetros sobre a vida de Alexandre de Gusmão e todas elas perspectivam uma objetiva comum.

<sup>17</sup> MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana – História, Crítica e Cronologia*, Tomo I. Na qual se compreende a notícia dos autores portuguêszes, e das obras, que compuseram desde o tempos da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente. Offerecida à Augusta Magestade. Nosso Senhor, Tomo I. Lisboa: Officina de António Isidoro da Fonseca (1741 – 1759), 1741, p. 97; LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo V. Lisboa: Portugália/ Civilização Brasileira, 1945.

<sup>18</sup> SILVIA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Português/Aplicáveis a Portugal e ao Brasil*, Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858, p. 32.

<sup>19</sup> MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana – História, Crítica e Cronologia*, Tomo I. Na qual se compreende a notícia dos autores portuguêszes, e das obras, que compuseram desde o tempos da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente. Offerecida à Augusta Magestade. Nosso Senhor, Tomo I. Lisboa: Officina de António Isidoro da Fonseca (1741 – 1759), 1741, p. 97; LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo V. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1945, p. 167.

<sup>20</sup> SILVIA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Português/Aplicáveis a Portugal e ao Brasil*, Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858, p. 32.

incerta). Em 1684 Alexandre de Gusmão pediu ao Geral para renovar seu quinquênio, pedindo novo prazo, se não fosse possível tirar sua limitação. Neste mesmo período, para sua surpresa, ele foi nomeado a Provincial da Colônia Brasília<sup>21</sup>.

Como Provincial<sup>22</sup> foi visitar o sudeste da Colônia e decretou o não fechamento do colégio de São Paulo. Finda a visita de São Paulo vai a Santos; de Santos ao Rio de Janeiro; em viagem de Santos ao Rio de Janeiro a fragata da Companhia de Jesus foi bombardeada por Piratas, havia 40 pessoas a bordo, entre elas estava o Provincial Alexandre de Gusmão (que foi abandonado no litoral a própria sorte por sete dias - umas 20 léguas da cidade do Rio de Janeiro). Foram encontradas dia 15 de Maio deste mesmo ano; algo relatado na *Carta ao P. Geral, do Rio de Janeiro, 17 de maio de 1685* [Desgraças, sua e doutros, causadas pelos piratas. Não haverá congregação provincial nem irá procurador a Roma]<sup>23</sup>.

Neste ano de 1685 em Lisboa na oficina de Miguel Deslandes que fica na Rua Da Figueira, foi publicado a *Arte de criar bem os filhos na Idade da Puerícia. Dedicada ao minino de Belém, Jesu Nazareno*. A sua obra máxima é referencial na educação de meninos.

Em 1686 Alexandre de Gusmão marca o local da fundação do Seminário de Belém da Cachoeira além de publicar o *Sermão que Pregou na Cathedral da Bahia de Todos os Santos*. Com o fim do cargo de Provincial no ano de 1688, Alexandre de Gusmão só iria publicar em 1689 a *Meditação para Todos os dias da semana*. Com uma vida ativa, em 1692 denuncia a violência dos curraleiros da região do Rio São Francisco em *Carta ao P. Geral, da Baía, 2 de dezembro de 1692(6?)* [violência dos curraleiros do Rio de S. Francisco contra as Missões dos índios Tapuias sem fazerem caso das ordens de El-Rei].

---

<sup>21</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo VII. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1949.

<sup>22</sup> Segundo FRANCA, Leonel. O Método Pedagógico dos Jesuítas – O *Ratio Studiorum*. Rio de Janeiro: AGIR, 1952, ao Provincial está sujeito toda administração dos colégios da província ao qual faz residência a Companhia de Jesus. Ele não só administrava os colégios como também era responsável por várias casas, igrejas, etc: ao seu comando estava sujeito o Prefeito de estudos, o Reitor, o Prefeito Geral de estudos, O Prefeito de estudos inferiores, o Professor, o Bedel e todos da Companhia que residiam no território ao qual foi ortogado pelo Geral ao Provincial.

<sup>23</sup> FREITAS, César Augusto Martins Miranda de. Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social/Tese de Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto, 2011

Em 1693, após a morte do Provincial Manuel Correia que foi atacado de febre amarela (mal de bicha), inicia o mandato de vice-Provincial. Sua primeira tarefa: ir à São Paulo resolver questões referentes a escravização dos indígenas por paulistas<sup>24</sup>. Em 1694 termina o mandato de vice-Provincial e pela 2ª vez é nomeado Provincial da colônia Brasília – esta nomeação duraria até 1697<sup>25</sup>.

No ano de 1715, Alexandre de Gusmão publica pela Oficina Real de Deslandesiana a *Rosa de Nazareth nas Montanhas de Hebron*. Neste livro ele informa que havia publicado uma obra chamada *Vita Patris Gasparis Almeida Soc. I. eiusdem Provinciae Brasiliensis*, em homenagem ao padre Gaspar Almeida<sup>26</sup>.

Ainda publicaria em 1720 na Oficina da Música em Lisboa o livro *Eleição Entre o bem, & mal eterno*. Com 92 anos e cansado pela própria idade, Alexandre de Gusmão pede ao Geral que António Aranha seja o reitor do Seminário de Belém, pois teme que toda estrutura pedagógica seja mudada – *Carta ao P. Geral Tamburini*, da Baía, 20 de Setembro de 1720. [Pede que seja reitor do Seminário de Belém da Cachoeira o P.e António Aranha]<sup>27</sup>.

Morto no ano de 1724, no dia 15 de Março, Alexandre de Gusmão, fundador do Seminário de Belém é sepultado em um túmulo que foi posto na Igreja de Belém com a inscrição *Hic Jacet Venerabilis P. Alexandre de Gusmão hujus Seminarii institutor. Obiit 15 Martii ani 1724*<sup>28</sup>. Em 1734 Martinho Borges, Procurador Geral da Companhia de Jesus, promoveu a publicação da obra Póstuma dando à estampa da obra *Árvore da Vida, Jesus Crucificado*, publicada em Lisboa na oficina de Bernardo

---

<sup>24</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo VII. Lisboa: Portugal/Civilização Brasileira, 1949; PITTA, Rocha, História da América Portuguesa. São Paulo/Rio de Janeiro/Porto Alegre: W. M. Jackson Inc, 1958; FREITAS, César Augusto Martins Miranda de. Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social/Tese de Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto, 2011; OLIVEIRA, Fábio Falcão. Alexandre de Gusmão: arte de educar meninos nos bons costumes/Dissertação em História da Educação para obtenção de título de Mestre em Educação apresentada na Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo/Piracicaba: Unimep, 2008.

<sup>25</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo VII. Lisboa: Portugal/Civilização Brasileira, 1949

<sup>26</sup> FREITAS, César Augusto Martins Miranda de. Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social/Tese de Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto, 2011, p. 89. Mais detalhes sobre a *Vita Patris Gasparis Almeida Soc. I. eiusdem Provinciae Brasiliensis* podemos encontrar na Tese de Freitas (2011).

<sup>27</sup> Ibidem, 2011.

<sup>28</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo I. Lisboa: Portugal/Civilização Brasileira, 1938, p. 534.

da Costa Carvalho<sup>29</sup>. Ainda foram publicadas as obras *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido allegórico e Mora*, no ano de 1734 e em 1783 o *Compêndio de profissão religiosa*<sup>30</sup>.

### **Paraguaçu: fator de hostilidade e labuta.**

Neves entende que a tarefa da igreja cristã também é a de promover a ocupação dos espaços vazios<sup>31</sup>. Os jesuítas com Nóbrega em 1549 (com suas escolas primárias) e mais tarde com Alexandre de Gusmão (quando fundou o Seminário de Belém em Cachoeira), são exemplos de jesuítas que estabelecem uma empreitada que abrange todo território brasílico.

Entendemos que a empreitada jesuítica no Brasil apresentou possibilidades quando intencionou seu espírito racional na forma da prática pedagógica, isto é, projeto da Ordem que se configurou pela educação.

Monasta entende que a compreensão crítica leva ao conhecimento de si mesmo e forma uma consciência política hegemônica, isto é, a primeira fase de uma autoconsciência progressiva, no qual, a teoria e a prática se unificam: “a unidade de teoria e prática não é um fato mecânico, mas um processo histórico”<sup>32</sup>.

Falar desta concepção hegemônica que estabelece uma unificação entre a prática e teoria que floresce a compreensão dos homens no contexto colonial à um vínculo cultural é entender um discurso motivado no campo cultural, político, institucional, religioso, etc.

Qualquer que seja as heterogeneidades da motivação percebemos que Alexandre de Gusmão procurou levar sua consciência a promover unidade molecular no centro da ordem jesuítica; compreendendo seu ministério revela-se um

---

<sup>29</sup> BORGES, Martinho. “Prólogo aos que lerem”. In\_: GUSMÃO, Alexandre de. *Árvore da Vida, Jesus Crucificado. Dedicada à Santíssima Virgem Maria N. S.Ra. Dolorosa Ao Pé Da Cruz. Pelo Padre Alexandre de Gusmão, da Companhia De Jesus. [Obra Posthuma Dada À Estampa Pelo P. Martinho Borges, da Mesma Companhia, Procurador Geral Da Província Do Brasil]*. Lisboa: Oficina de Bernardo Da Costa Carvalho, 1734.

<sup>30</sup> FREITAS, César Augusto Martins Miranda de. *Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social/Tese de Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2011.

<sup>31</sup> NEVES, Luiz Felipe Baêta. *O Combate dos soldados de Cristo na Terra dos Papagaios/colonialismo e repressão cultural*. Rio de Janeiro, 1978.

<sup>32</sup> MONASTA, Attilio. “Antonio Gramsci: Textos Seleccionados. Trad. NOSELA, Paolo. Recife: Ed. Massangana, 2010, p. 80.

vanguardista conforme atestava e dava exemplo do testemunho dos antigos membros seguindo-os e formando um caminho orgânico escolar.

O Seminário de Belém é uma obra que nasce no coração do autor colonial. Este Seminário ficava localizado na Capitania do Paraguaçu, terras dos tupinambás ou, atual cidade de Cachoeira, que fica no Recôncavo baiano, no Estado da Bahia, ao lado de São Felix e próximo de Santo Amaro da Purificação.

O principal explorador do Paraguaçu foi Christóvão Jacques, que inclusive se configurou como um importante desbravador da Bahia de Todos os Santos. E um dos fracassos de Jacques aconteceu na Capitania do Paraguaçu. Segundo Silva, o Fr. Vicente do Salvador acompanhou este engodo de Jacques e dos franceses diante da uma investida dos índios que residiam neste rio, no ano de 1504:

neste tempo já traficavam os franceses, no litoral da Bahia e na ilha chamada dos franceses, naquele rio, achou Jacques, diz Padre Vicente do Salvador (sic), duas naus francesas ancoradas, comercializando com os gentios, e eles as meteu no fundo, com toda gente e fazenda<sup>33</sup>.

Os índios citados por Silva que colocou uma nau e sua fazenda no fundo do Paraguaçu são os Tupinambás. O nome Tupinambás é geralmente escrito Tupinambá. Existe outro termo que é *abanheenga* que deriva de uma palavra parecida a *mba*, é *mbya*, que significa gente. O nome Tupinambás pode ser entendido “por *tub-yba-imbya*, a preposição *i* que rege *tubyba* também pode ser *ri*, que por eufonia pode tornar-se *ni*, e deste modo *tub-yba-ni-nbyba* quer dizer “ente atinente ou ardente ao chefe dos pais”<sup>34</sup>.

Por exemplo, Pimentel lembra que quando Alvaro Rodrigues entrou naquela localidade já havia gentios ao qual edificou um sítio para aldeamento. Nesta paragem, levou uma imagem de Maria e dedicou a ela a cidade com o título de Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira. A capela edificada no centro do aldeamento tornou-se a Igreja d’Ajuda de Cachoeira. Ela ficava no centro da sociedade que se erguia naquele lugar<sup>35</sup>.

---

<sup>33</sup> SILVA, Pedro Celestino da. “A Cachoeira e seu Município/ESCÔRÇO Phisico, Político e Administrativo”. In\_: REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA – N°63. Bahia; 1932, p. 106.

<sup>34</sup> CARDIM, Fernão. Tratado da Terra e Gente do Brasil. São Paulo: Itatiaia, 1980, p. 134.

<sup>35</sup> “Entretanto, há todo fundamento acredita-se que a ermitã de N. S. do Rosário é mais ou menos contemporâneo do engenho, e cuja construção deve buscar-se entre os annos que vão de 1595 a 1606”

Alden argumenta que havia no Brasil aproximadamente 1.5 à 2400000 índios que estavam atrasados em relação aos orientais. Diante destes números, um pouco mais de 300 etnias tribais estabeleceram contato com colonos e missionários jesuítas<sup>36</sup>.

Estabelecer colônia no Paraguaçu não foi fácil, era um contato que levou a guerra. A guerra de colonizadores e índios naquela localidade, no início foi mais dura do que nas terras da Espanha. Na América espanhola, as batalhas eram decisivas, “findas, as quais os vencedores dominavam os estados conquistados, impondo-lhes à sua lei às populações derrotadas”<sup>37</sup>. No recôncavo havia uma guerrilha na selva onde o indígena conhecia os atalhos, os brejos, o rio, etc, isso dificultou a conquista no Paraguaçu.

A dificuldade proporcionada pelos Tupinambás não foi eficaz diante do Capitão português Alvaro Rodrigues Adorno que no ano de 1595 estabeleceu a Capitania do Paraguaçu, a margem do rio Paraguaçu, conquistando e dizimando os indígenas; em menos de 120 anos, os indígenas foram praticamente empurrados para o interior das terras de Vera Cruz liberando o litoral para a proposta colonizadora<sup>38</sup>.

### **Seminário de Belém: construção e pedagogia jesuítica.**

Conquistado o Paraguaçu, não demorou para que a proposta pedagógica e catequética jesuítica se apresentasse naquela localidade. Alexandre de Gusmão com experiência pedagógica e Provincial teve o intento de abrir o Seminário com ideia de “caráter popular, para que nele se criarem os filhos dos moradores, sobretudo os

---

PIMENTEL, Alfredo Vieira. ANNAES DO ARCHIVO PUBLICO DA BAHIA/Museu do Estado da Bahia, vol XXIX. (org) PIMENTEL, Alfredo Vieira. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1946, p. 332.

<sup>36</sup> ALDEN, Dauril. The Making of na Enterprise. The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond/1540 – 1750. California: Stanford University Press, 1996, p. 72.

<sup>37</sup> COUTO, Jorge. “A aculturação”. In: A construção do Brasil – Ameríndios, Portugueses e Africanos, início do povoamento a finais de Quinhentos. Lisboa: Cosmos, 1995, p. 264. Conseguimos perceber ainda que a geografia das terras brasileiras favorecia a guerrilha na selva, havia diversos grupos hostis, rebeldes e desinteressados. A tática adotada pelos indígenas no Paraguaçu era a formação de grupos, baseado na mobilidade. Sendo o português muito mais poderoso, organizavam hostes terrestres com rápidas aportadas com forte armamento; atacando nos períodos noturnos. Capturando o inimigo e seus escravos, espalham a insegurança e o terror entre seus moradores indígenas. Todavia, na capitania do Paraguaçu, o português estava certo que aquele rio os pertencia.

<sup>38</sup> Neste breve capítulo apenas quisemos pontuar de maneira rápida a labuta do português e dos indígenas que ali se encontravam. O português foi extremamente hostil com os indígenas que apenas defendia sua terra, sua tribo, suas crianças, etc. O colono no fim vence esta disputa e fixa como explorador e conquistador do Paraguaçu.

*pobres, que viviam no sertão, e poderem estudar não só os primeiros elementos de ler e escrever, mas também latim e música*<sup>39</sup>.

Desde a fundação dos colégios de ler-e-escrever por Nóbrega no ano de 1549 até a abertura do Seminário de Belém em 1686 são mais de 130 anos de experiência pedagógica nas terras brasílicas e Alexandre de Gusmão assimila estas experiências concentrando suas forças na elaboração de um estatuto, nas leis escolares, na fundação da instituição, como deveriam assistir o professorado o aluno, como os seminaristas deveriam se comportar, etc.

Segundo Alden, esta cidade de Cachoeira (apesar de ser pequena) é um centro crescente dentro da baía de Todos os Santos em Salvador, “lies the small hill town of Belém da Cachoeira”<sup>40</sup>.

Foi em meio as montanhas do recôncavo no ano de 1686 os pais jesuítas abrem um centro educacional. Detalhe: constituindo-se no interior da Bahia e não nos grandes centros como de costume. Alexandre de Gusmão descentraliza a pedagogia das grandes cidades e apresenta ao recôncavo baiano possibilidade de fixar uma escola para educar meninos: “It was the in about 1686 that the fathers established their only interior educacional facility in Bahia, the seminary of Belém, a preparatory school to train Christian boys in reading, writing, Latin, and music”<sup>41</sup>.

Esta única instalação escolar do interior da Bahia resulta numa *demonstração prática educativa* que tem como base duas obras escrita por Alexandre de Gusmão; elas são defendidas por Leite como sendo os fundamentos do Seminário, são elas: *Escola de Belém, Jesus Nascido no Presépio* e *a Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia. Dedicado ao menino de Belém, Jesus Nazareno*. O Seminário se apresenta com caráter único e seus traços pedagógicos seguem seu criador<sup>42</sup>.

---

<sup>39</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo V. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1945, p. 167.

<sup>40</sup> ALDEN, Dauril. The Making of na Enterprise. The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond/1540 – 1750. California: Stanford University Press, 1996. “Fica a pequena cidade montanhosa de Belém da Cachoeira” – traduzido pelo autor.

<sup>41</sup> Ibidem, 1996, p. 221. “Foi a cerca de 1686 que os pais (jesuítas) estabeleceram sua única instalação Educacional no interior da Bahia, o Seminário de Belém, uma escola preparatória para treinar meninos cristãos em leitura, escrita, latim e música” – traduzido pelo autor, acréscimo na tradução entre parênteses feita pelo tradutor.

<sup>42</sup> Alexandre de Gusmão foi o primeiro Reitor do Seminário de Belém até 1690. Depois do ano de 1690 ele ainda voltaria à reitoria do Seminário por duas vezes, segue a ordem: o Fundador do Seminário do Belém foi reitor de 1687/1690, pela segunda vez em 1698 e pela terceira vez 1715. Conforme LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo V. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1945, p. 189 – 190.

Sobre a cidade, Riedel descreve Cachoeira como local tradicional do engenho de cana de açúcar e tabaco. A produção de açúcar e tabaco enriquecia as cidades do recôncavo baiano, Currálinho, Salgado, Genipapo, Santo Amaro e sobretudo Cachoeira. Esta última em especial, tinha fazendas imponentes, com grandes dependências e vendas bem sortidas, ou com as suas grandes plantações de café, fumo, e mandioca<sup>43</sup>.

Alexandre de Gusmão escolhe a cidade de Cachoeira e o distrito de Belém como partida de seu projeto educativo por causa de sua localidade. A preferência da localidade como boa escolha da construção do Seminário pode ser visto claramente quando Pitta fala de que maneira a localidade favorecia a colônia.

Quatorze léguas da cidade da Bahia está a vila de Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira, que toma o nome do rio em cujas ribeiras fora edificada; uma distância pelo seu terrestre continente se eleva grande porção de terra, cujo cume se estende em dilatadíssima campina, fertilmente amena pela frescura e suavidade dos ares, pela alegria e distância dos horizontes, pela produção e fecundidade do terreno, e finalmente pelo concurso de muitas e cristalinas águas<sup>44</sup>.

Chegando ao Seminário de Belém, vemos duas coisas: o cruzeiro que ficava em frente à Igreja e a torre da Igreja. Na frente do Seminário encontra-se um descampado de aproximadamente 200 metros<sup>45</sup>. Entendo que era o local onde os comboios reabasteciam e descansavam antes de entrarem no sertão baiano. Tanto Pitta como Pereira que descreve em sua obra *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, afirmam que após a descoberta das Minas Gerais, o porto de Cachoeira se

---

<sup>43</sup> RIEDEL, Diaulas. Coqueirais e Chapadões/Sergipe e Bahia, 2ª Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1959, p. 31.

<sup>44</sup> PITTA, Rocha, História da América Portuguesa. São Paulo/Rio de Janeiro/Porto Alegre: W. M. Jackson Inc, 1958, p. 335.

<sup>45</sup> Sobre o descampado, Abreu informa que encontrou uma coleção de manuscritos que foi oferecido para Biblioteca Nacional por João Ribeiro Martins. Estes papéis encontra-se o título *Narração da viagem e descobrimento que fez o sargento mor Francisco de Mello Palheta no Rio da Madeira e suas vertentes ... desde 11 de Novembro de 1722 até de Setembro de 1723*, neste documento encontra-se uma das maiores expedições aos sertões baiano e o local de partida era o descampado em frente a Igreja e ao Seminário de Belém; o nome desta localidade era "Praça do Grão Pará". ABREU, Cipriano de. Capítulos de História Colonial (1500 – 1800). Rio de Janeiro: Briguet, 1969, p. 220.

tornou a verdadeira entrada dos sertões, adquirindo importância econômica. Em Cachoeira existiam duas rotas comerciais: o Porto e o Seminário de Belém<sup>46</sup>.

Este Seminário apresenta uma forma peculiar de internação que completa com a forma educativa da práxis jesuítica. Estudar no Seminário de Belém é possibilitar a criança um ingresso à sociedade portuguesa; conhecendo as letras, o cálculo, aprendendo música, diversas artes e ofícios, etc, tudo conforme a *Ratio Studiorum*.

Alexandre de Gusmão quando planeja a fundação deste Seminário acaba conferindo ao Brasil uma proposta educativa no interior baiano. Atribuição de maneira média e educativa as letras que permeava na possibilidade de apreender.

O Seminário não é apenas um símbolo do recôncavo, também pode ser entendido como a construção de um homem que assimilou as letras da Companhia fazendo-as seu manto sagrado. Com isto, educar crianças é a principal importância de Alexandre de Gusmão:

He tam próprio da Companhia de IESU atender à boa instituiçam dos mininos nos primeiros anos de sua puerícia, q faz disso especial mençam na forma de sua posissam; porq sendo seu instituto ensinar as boas artes, & inculcar os bons costumes a todos para maior gloria de Deus, & bem das Almas, neste particular de instruir mininos, quiz seu Fundador, alumiado pelo Espírito Santo, que ouvesse causa occupandose a Companhia em ensinar aos mancebos as sciências maiores, nam sómente em escolas publicas, mas em doutissimo comentários, com que cada dia sahe a luz.<sup>47</sup>

No Tratado ao qual foi citado, os bons costumes devem ser compreendidos como um projeto de vida, uma projeção do ser. Os bons costumes ensinados por Gusmão possibilita a criança distinguir as alterações vividas pelo seu próprio ser: alertando sobre o que é bom e mal, justiça e injustiça, ânimo e preguiça, amor e mimo, etc. Habituar-se, acostumar-se, etc.

Adquirir bons costumes está relacionado com o respeito, os valores e a religiosidade portuguesa. Essa dádiva é aprendida por meio dos pais e professores

---

<sup>46</sup> PITTA, Rocha, História da América Portuguesa. São Paulo/Rio de Janeiro/Porto Alegre: W. M. Jackson Inc, 1958, p. 335; PEREIRA, Nuno Marques. Compêndio Narrativo do Peregrino da América. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1959, p. 46.

<sup>47</sup> GUSMÃO, Alexandre de. Arte De Crear Bem Os Filhos Na Idade Da Puericia. Dedicada Ao Minino De Belem Iesv Nazareno. Dedicada Ao Minino de Belém, Iesv Nazareno. Lisboa. Officina de Miguel Deslandes, Rua da Figueira, 1685. *fls iij*.

despertando aos poucos as percepções da criança levando-as a entender o mundo, a República e sua existência.

No dia 4 de junho do mesmo ano, ele envia a planta e pede licença ao Geral<sup>48</sup> para continuar a construção do Seminário de Belém. No conjunto, o Seminário apresentava uma arquitetura jesuíta; Igreja no centro como elemento principal do conjunto.

Os materiais empregados para construção foram tijolos não cozidos, terra e areia para compensar a fraqueza da estrutura; que obteve bons resultados durante alguns anos. Alexandre de Gusmão entendia que aquela instituição educativa poderia ser um estabelecimento público. Pedindo ao Rei doações para sustento do Seminário, o Rei escreveu ao Governador, e este repetiu as palavras empobrecidas da resposta do Rei à Alexandre de Gusmão que negou subsídios para sustento do seu projeto. El-Rei respondeu em *Carta Régia* ao governador dia 4 de março de 1692;

procurasse persuadir aos moradores de maior possibilidade concorresse para ele com algumas certas esmolas, para se sustentarem dos que são pobres, pois era a razão que tendo ele maior fruto das terras, se movessem à caridade para com os necessitados; principalmente quando as rendas da fazenda de Vossa Majestade não fosse bastante para encargos públicos para a conservação de todo Estado; e ainda no caso de nela poder caber alguma côngrua para este Seminário, sempre convinha que se aumentasse um maior número, para que, por meio de doutrina, adquirissem os pobres, que neles se recolhiam, pudessem ter os que são ricos, Missionários naturais para as Aldeias, Mestres para seus filhos, e Religiosos para serviço de Deus.<sup>49</sup>

O Governador confirma em *Carta Régia*<sup>50</sup>;

Informando-me, como Vossa Majestade me manda, achei que o Seminário se fizera havia uns poucos anos, e que está nele o número de perto de cinquenta, mas este nem todos são homens pobres, e os mais deles são

---

<sup>48</sup> Envia carta ao Geral Tirso González falando da fundação do primeiro seminário do Brasil, o Seminário de Belém — *Carta do P. Alexandre de Gusmão Provincial ao P. Geral Tirso González, da Baía, 4 de junho de 1687* [Seminário do P.e Alexandre de Gusmão em Belém da Cachoeira].

<sup>49</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo V. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1945, p. 168.

<sup>50</sup> Sobre a troca de cartas que ocorreu entre D. Pedro II rei de Portugal e o governador Câmara Coutinho devemos ler o artigo da pesquisadora SOUZA, Lais Viena de. “Padre Alexandre de Gusmão S.J., o Governador do Brasil, El Rei e algum ‘ordinário’ para o Seminário de Belém”. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – Anpuh. São Paulo: ANPUH, 2011, p. 01 – 10. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300638127\\_ARQUIVO\\_artigo.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300638127_ARQUIVO_artigo.pdf). Consultado no dia 20 de março de 2014.

homens ricos, que ajudam a sustentar aquele Seminário, e que lhe dão para isso esmolas.<sup>51</sup>

Viotti explica que pela a segunda *Carta Régia* de 4 de março de 1693 conseguimos entender que a intenção do governo não era concentrar os esforços financeiros no projeto de Alexandre de Gusmão, isso porque, os tesouros do reino deveria ser aplicado à Coroa, “segundo a mentalidade imperante na metrópole (...) O apoio seria tão somente moral”<sup>52</sup>.

Apesar do motejo mostrado pela devolutiva, a resposta mostra que a Coroa estava muito mais preocupada com sua porção do quinhão da colônia do que com um Seminário aberto num deserto. Segundo Viotti, o apelo que houve aos cofres públicos mostraram-se em vão<sup>53</sup>. Alexandre de Gusmão entendia que mesmo que a Coroa mostrasse boa vontade, também mostrava desleixo: “se demonstrava boa vontade, praticamente era (como) nada”<sup>54</sup>. O Rei tinha prometido enviar 100\$000 réis, esta quantia nunca chegou. Alexandre de Gusmão teria que elaborar uma estratégia para criar um Seminário.

Devemos lembrar que a três anos antes, em 1685 quando Alexandre de Gusmão viajava de São Paulo ao Rio de Janeiro (após deliberar sobre a questão dos índios com paulistas) com 40 pessoas numa fragata da Companhia de Jesus, onde foram surpreendidos por piratas, tomaram a fragata: “com prejuízo da Província no valor de 12 a 13 mil cruzados” e estando livre dos piratas, “percebeu que havia tido grandes prejuízos materiais dos Colégios, e talvez já do futuro Seminário de Belém”<sup>55</sup>.

Sem dinheiro para construir o Seminário, o conselho para sustentação do mesmo<sup>56</sup> vem daquele ao qual sempre promoveu um dos mais empolgantes debates no âmbito da História da Companhia de Jesus no Brasil, padre António Vieira.

---

<sup>51</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo V. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1945, p. 168.

<sup>52</sup> VIOTTI. Hélio Abranches. O Anel e a Pedra/ dissertações históricas. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia Limitada, 1993, p. 61.

<sup>53</sup> Ibidem, 1993, p. 61.

<sup>54</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo V. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1945, p. 168 - *acrécimo entre parênteses meu*.

<sup>55</sup> \_\_\_\_\_. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo VII. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1949, p. 69.

<sup>56</sup> A construção do edifício do Colégio, Igreja, ornato e sustento dos mestres e todo funcionário provinha das doações feitas pelos fieis e pessoas amigas de Alexandre de Gusmão. “A generosidade foi de facto exímia, generosidade em grande parte anónima que ergueu, remodelou e enriqueceu a Igreja, pequena, mas notável. \_\_\_\_\_. História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo V. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1945, p. 169-170.

Vieira quando visitador em 1688 lhe recomendou que ele devesse buscar auxílio em beneficiadores, mas deveria ir com prudência, não confiando em promessas<sup>57</sup>. Negando num primeiro momento o conselho de Vieira, Alexandre de Gusmão queria algo que mantivesse a integridade e a ideia primitiva de ser Seminário sem recursos certos. Isso porque Alexandre de Gusmão tinha muito carinho pelo projeto escolar do padre Nóbrega.

A administração do Seminário ficaria a cargo dos Superiores. “tentativa já de europeização de casas, pensionatos cuja criação é anterior à fundação da Companhia de Jesus”<sup>58</sup>. Alexandre de Gusmão possibilitou aos filhos dos fazendeiros, dos funcionários da coroa, moradores dispersos, longe dos centros populosos pudessem, como pensionatos ou colégios internos na Europa, estudarem. As despesas seriam individuais e cobertas pelas pensões dos próprios internos<sup>59</sup>.

Alexandre de Gusmão e seu desejo de fundar um Seminário tinha exemplo a seguir, não apenas Nóbrega como o próprio fundador. Em uma Alemanha invadida por heresias o Duque da Baviera, Guilherme IV pediu a Inácio que mandasse Jesuítas para lá. O projeto jesuítico deveria revitalizar a Alemanha numa renovação eclesial. Foi quando Loyola enviou cartas ao novo Duque, Alberto V, e comentou sobre *Meios para o fim secundário, isto é, para promover a Companhia na Alemanha*, que bom seria pudessem ter nas suas terras seminários da Companhia, pois:

Procure-se fundar o Colégio de modo que não pareça que os nossos intervêm, mas que se veja que o fazem pelo bem da Alemanha, sem nenhuma aparência de ambição ou cobiça. Será conveniente também advertir que a Companhia não quer para si, dos Colégios, senão o trabalho e o exercício da caridade, pois usa as rendas em benefício dos estudantes pobres, para que, acabados os estudos, sejam operários úteis na vinha de Cristo<sup>60</sup>.

Viotti entende que foram com os colégios e seminários que asseguraram aos jesuítas, antes de qualquer coisa, “o recrutamento e formação do clero regular e

---

\_\_\_\_\_. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo VII. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1949.

<sup>58</sup> Ibidem, 1945, p. 169, Tomo V.

<sup>59</sup> Tanto LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo VII. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1949 como VIOTTI. Hélio Abranches. O Anel e a Pedra/ dissertações históricas. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia Limitada, 1993 estão de acordo com isto e entendem o caráter do Seminário como um divisor prático da evolução pedagógica.

<sup>60</sup> LOYOLA, Inácio de. “SANTO INÁCIO DE LOYOLA/CARTAS”. In.: (org) COELHO, António José, S.J. CARTAS. Braga: Editora O A, 2006, p. 296.

secular”<sup>61</sup>. A proposta educativa dos jesuítas residia no marco do exercício prático pedagógico que Alexandre de Gusmão anseia<sup>62</sup>. Mas nesta diligência, não poderia criá-lo sem financiamento concreto. Os fiéis davam doações, mas pouca para tantos alunos.

### Conclusão

Pensar no Seminário de Belém é entender uma gama de possibilidades no campo da educação. Muitos historiadores acabam observando outros fatores para analisarem as terras brasileiras deixando o campo educativo a deriva. Entendemos que a história da educação necessita de historiadores e pensadores que queiram refletir sobre este tema.

Só conseguimos entender o projeto gusmanino quando compreendemos a estruturação pedagógica que se fixou no centro do recôncavo como fator decisivo para concretizar o projeto jesuítico nestas terras – digo, no interior. Alexandre de Gusmão tinha onde se inspirar, ora Loyola, ou Nóbrega, ambos forneceram ao jesuíta combustível para que este viesse fundar um projeto, diga-se de passagem, grandioso. Para além disso, essa interação da educação com o recôncavo nos apresenta uma proposta pedagógica que favorece os interesses políticos e estratégicos de Portugal.

Político porque a cidade de Cachoeira é potencialmente rentável a coroa Portuguesa e uma instituição escolar para apresentar as letras levava a cidade a um patamar considerável; o recôncavo como todo tinha canais navegáveis consideráveis que auxiliava no transporta das mercancias a capital do Brasil colonial (Salvador). Estratégica porque do Seminário entrava-se aos sertões baianos em direção ao sonhado ouro; com posto de saída e entrada de comboios a coroa Portuguesa conseguia exercer o monopólio territorial daquela localidade montanhosa.

Com todos estes fatores o recôncavo ofereceu láureas para ser lembrado como um dos centros educativos, político e estratégico: foi a cidade de Cachoeira que possibilitou essa visibilidade; podendo disputar hegemonia educativa com grandes cidades como Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. A pequena cidade de Cachoeira se configurou pela forma hegemônica que seu Seminário se estruturou. Quando Alexandre de Gusmão possibilita aos filhos dos fazendeiros, dos funcionários da coroa, moradores dispersos, longe dos centros populosos oportunidade de estudarem, ele fazia como os pensionatos ou colégios internos na Europa, que internavam as crianças para criar-se em boa formação.

---

<sup>61</sup> VIOTTI, Hélio Abranches. *O Anel e a Pedra/ dissertações históricas*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia Limitada, 1993, p. 62.

<sup>62</sup> Concordo com Freitas quando fala que “Com um pensamento divergente, Gusmão, profundo conhecedor da estrutura organizacional e funcional das residências e dos colégios jesuítos – centros organizativos de uma ampla rede de recursos humanos que concretizavam a ação apostólica e assistencial desenvolvida pelos filhos de Loyola em terras do Brasil – afirmava que o envio contínuo de irmãos religiosos do reino se tornara desnecessário, apostado que estava na formação clerical dos filhos da terra. Além do mais, é nesta linha de pensamento que se deve inserir a fundação do Seminário de Belém, o qual, ainda que não se destinasse diretamente à formação de religiosos, proporcionava aos mais novos os estudos preparatórios”. FREITAS, César Augusto Martins Miranda de. *Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social/Tese de Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2011, p. 63. Este pensamento já estava no coração do fundador da Ordem. Abrir seminários e colégios como base da aplicação e manutenção da Companhia é uma possibilidade integrada no coração de seu fundador, Alexandre de Gusmão é a ferramenta de uma proposta que se apresenta na possibilidade de formar um mundo letrado.